

VIOLÊNCIA E EDUCAÇÃO PARA A PAZ EM JORNAIS

Simone de Barros Oliveira¹

Jairo da Luz Oliveira²

Juliana Motta Magrini³

Sheila Kocourek⁴

RESUMO

Este trabalho apresenta os resultados parciais de um estudo, desenvolvido em dois jornais da fronteira oeste do estado do Rio Grande do Sul, sobre a representação das temáticas violência e educação para a paz nesses meios de comunicação. Traz-se as percepções obtidas a partir dos jornais “A Plateia” e “Jornal Cidade”. O trabalho discute a importância que os meios de comunicação têm na construção da realidade e na representação das problemáticas sociais, especialmente procurando refletir sobre o caráter interventor que possuem através da geração de um conteúdo comprometido e imparcial. Essa reflexão coloca em interface os temas comunicação e educação, visto que, a mídia, através de uma linguagem comprometida e interventora, pode contribuir para a não-violência e, assim, à cultura de paz. A pertinência do estudo se dá através do debate sobre a influência dos meios de comunicação na realidade humana e nos problemas sociais.

PALAVRAS-CHAVE: Violência. Educação para a Paz. Comunicação.

¹Universidade Federal do Pampa/UNIPAMPA. Professora Adjunta da Universidade Federal do Pampa/UNIPAMPA, Mestre e Doutora em Serviço Social, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul/PUCRS, líder do Grupo de Pesquisa Educação, Direitos Humanos e Fronteira. Currículo Lattes disponível em: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4758775Y9>>. Contato: simoneoliveira@unipampa.edu.br.

²Universidade Federal de Santa Maria. Doutor em Serviço Social- PUCRS. Professor da Universidade Federal de Santa Maria no Departamento de Serviço Social. Coordenador do NEPEGSSS (Núcleo de Estudos Pesquisa e Extensão em Gerontologia, Serviço Social e Saúde). Professor do programa de Pós-graduação em Gestão de Organizações Públicas (Mestrado). Currículo Lattes disponível em: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K4778639A5>>. Contato: jairooliveira.ufsm@gmail.com

³Universidade Federal de Santa Maria. Acadêmica do curso de Serviço Social na Universidade Federal de Santa Maria. Integrante do Núcleo de Estudos Pesquisa e Extensão em Gerontologia, Serviço Social e Saúde. Currículo Lattes disponível em: <<http://buscatextual.cnpq.br/buscatextual/visualizacv.do?id=K8644786P9>>. Contato: [juuhmagrini@hotmail.com](mailto:juumagrini@hotmail.com)

⁴Universidade Federal de Santa Maria. Doutora em Serviço Social- PUCRS. Professora da Universidade Federal de Santa Maria no Departamento de Serviço Social. Coordenadora do NEPEGSSS (Núcleo de Estudos Pesquisa e Extensão em Gerontologia, Serviço Social e Saúde). Professora do programa de Pós-graduação em Gestão de Organizações Públicas (Mestrado).

ABSTRACT: This paper presents the partial results of a study carried out in two newspapers on the western border of Rio do Sul on a representation of the themes of violence and education for the forms of communication. It is brought as perceptions obtained from the newspapers The Audience and Newspaper City. The paper discusses the importance for the media in the construction and representation of social issues, especially trying to reflect on the interventor character through the generation of committed and impartial content. This reflection is in an interface of communication and education, since a media, through a committed and intervening language, can contribute to a non-violence and, thus, a culture of peace. The relevance of the study comes through the debate on the influence of the media in human reality and problems.

KEY WORDS: Violence. Education for Peace. Communication.

1 INTRODUÇÃO

A primeira grande guerra mundial trouxe, além de uma fragilização geral na sociedade pela grande dizimação humana, a consciência da necessidade de um retorno às questões da paz. Nesse sentido, diversas reuniões, congressos e debates foram realizados, e organizações foram criadas em busca de uma discussão aprofundada sobre a construção de uma tolerância entre as nações. Na Europa, houve um expressivo engajamento no âmbito da educação com a criação de sindicatos específicos ligados a ações de educação para a paz. Várias propostas foram ensejadas nesse período, o que foi um baluarte para os anos seguintes. Na década de 1980, a educação para a paz teve a sua expansão e consolidação, chegando aos países, também, da América Latina (SELAU; HAMES, 2009).

Publicações, literaturas especializadas e autores destacam-se na solidificação da área como uma iniciativa pedagógica e campo científico de estudos. Atualmente, a educação para a paz é “reconhecida como tarefa mundial, exigência indiscutível, componente importante dos programas educativos, enfim, (...) uma direção pedagógica necessária para a construção de uma sociedade democrática” (GUIMARÃES, 2004). Destarte, nesse processo, pergunta-se: qual o papel dos meios de comunicação diante dessa temática? Será que as mídias estão

contribuindo com uma educação para uma cultura de paz ou apenas reproduzindo pautas em que a violência é supervalorizada como notícia?

Nesse sentido, este estudo se preocupa em perceber qual o papel dos meios de comunicação na conscientização e até mesmo na construção de uma sociedade em que a violência fica aquém e concede espaço para uma educação para a paz. A partir do método análise de conteúdo de Bardin (1999), é proposto, nesta pesquisa, observar os índices das notícias que tratam do tema violência e sua incidência em dois jornais do recorte da pesquisa, sendo estes os jornais “A Plateia” e “Jornal Cidade”, ambos de expressiva circulação em duas cidades da região da fronteira oeste do estado do RS.

O estudo se propõe a observar quais as principais formas de violência que incidem nos jornais e como o conteúdo é representado por tais periódicos. A educação para a paz é outra temática que este estudo se propõe a observar, procurando ver como são realizadas as abordagens sobre o assunto nos jornais do recorte. Acredita-se que contornos dados pela mídia à violência e educação para a paz são necessários para a compreensão desses fenômenos na realidade local. Essa reflexão coloca em interface os temas comunicação e educação, visto que, a mídia, através de uma linguagem compromissada e interventora, pode contribuir para a não-violência e, assim, à cultura de paz.

2 DESENVOLVIMENTO

2.1 Representações midiáticas e construção da realidade social

Antes do surgimento dos meios de comunicação os estudos sociológicos se deparavam com uma certa dificuldade em validar a afirmativa de que a sociedade, de fato, existia. Ora, sua concretude e materialidade não era possível de ser mensurada, visto que não havia nenhum meio que possibilitasse sua representação. Porém, os meios de comunicação surgiram e, com eles, a possibilidade de retratar os mais variados fatos cotidianos. Com o advento das mídias, a sociedade tornou-se representável, palpável, e não somente a Sociologia, mas outras diversas áreas do

saber, assim como a vida de cada ser humano, receberam impactos e mudanças consideráveis (MARTINO, 2012).

Essas mudanças consideráveis tratavam-se de que, os meios, enquanto veículos condutores de informações, conteúdo e realidades em larga escala, tornaram a sociedade tangível. As tramas do social, então, passaram a ganhar uma representação, e a experiência da realidade passou a poder ser observável através desses meios. A partir de tecnologias como Cinema, TV e jornais (MARTINO, 2013), o coletivo social ganha corpo e, eles próprios (os meios) passam a garantir o acesso a uma sociedade visível, material e representada.

Não somente isso, os meios de comunicação operaram uma transformação no mundo simbólico, isto é, nas maneiras de se transmitir e absorver uma produção de sentido. Isto implicou uma dupla funcionalidade aos meios: eles, enquanto condutores de informação, não somente representavam a sociedade, mas, também, interviam para a construção da realidade social a partir dessa própria representação (MARTINO, 2013).

Soares (2017), quanto à “construção da realidade”, refletem acerca da Sociologia do Conhecimento, ou seja, da forma como o conhecimento é apreendido e a relevância do “social” nas suas construções individuais. Em tal abordagem, os autores reforçam que a sociabilidade é atingida através da interação dos grupos de indivíduos. Essa interação permite que o homem tenha a percepção do mundo à sua volta, visto que é somente a partir dela que lhe é permitido atribuir sentidos e significações às coisas. Ou seja, a “construção social da realidade” se dá na medida em que o processo de socialização ocorre, quando os indivíduos passam a representar e atribuir significados ao mundo que os cerca.

Neste sentido, de acordo com os autores, o mundo é o resultado das representações geradas durante a socialização. Esse processo trata-se de um conjunto complexificado de interações e mediações socioculturais que delinea o modo do ser social ver o mundo e representá-lo.

Com o advento dos meios de comunicação de massa, a sociedade recebe um potente veículo que, além de representá-la, passa a contribuir para essa construção da realidade. A mídia, pelo exercício de linguagens, imagens e símbolos difundidos,

pode intervir e influenciar a realidade social. À medida que informações são expostas ou ofuscadas os indivíduos podem gerar ou não uma opinião acerca de determinado assunto ou construir um conhecimento em torno do mesmo. Esse papel dos meios os coloca em posição, também, como formuladores das representações sociais.

Para além disso, os meios de comunicação asseguram um outro processo que é prioritário para a formação de sentido e significado dos seres humanos: a interpretação. Toda e qualquer notícia veiculada, ou apreensão de dado fato pela televisão, por exemplo, gera individualmente uma interpretação. Nesta perspectiva, pode-se inferir que os meios de comunicação contribuem para a construção da realidade social, pois “a vida cotidiana apresenta-se como uma realidade interpretada pelos homens e subjetivamente dotada de sentido para eles na medida em que forma um mundo coerente” (SOARES, 2017). Segundo a perspectiva deste mesmo autor, estando presentes nesse processo ativo de contribuintes para a geração de interpretação na humanidade, as mídias são importantes construtores da realidade social na atualidade.

Nesse sentido, busca-se compreender a partir das mídias, nesse trabalho, sobre como é discutido e representado midiaticamente as temáticas violência e educação para a paz. Anterior a isso, é realizada uma revisão bibliográfica dos dois termos, para posteriormente analisá-lo nos jornais do recorte da pesquisa.

2.2 O fenômeno da violência

O fenômeno da violência é presente na história desde que as primeiras formas de espécie humana se manifestavam. Esse fenômeno está naturalmente associado aos relatos de luta pela sobrevivência, domínio de localidades e territórios, posse de bens materiais, poder, crenças religiosas, e até mesmo associado a nenhum motivo aparente (EYNG, GISI, ENS, 2009).

A violência nasce, enquanto vocábulo, do latim *vis* que significa força. Essa significação pode lançar bases para uma definição do fenômeno, pois o mesmo, em suas diferentes gamas e categorizações, sempre tem, em seu eixo, algum sobreuso

da coerção, seja física, emocional ou psicológica. Dessa forma, a violência, em geral se opõe a ética e aos valores de uma sociedade (EYNG; GISI; ENS, 2009).

Nesta perspectiva, Chauí (1998) refere que na nossa cultura, só entendemos por violência o uso da força física. Isso é um equívoco, pois a violência ultrapassa a dimensão física, é também violação de diversos aspectos da vida humana, como integridade física, psíquica, emocional, econômica e também moral, pois todas essas formas de violência atingem diretamente a moral humana.

Ainda nessa mesma linha, a autora afirma que a violência entra em conflito com a ética, pois desracionaliza o indivíduo humano, a ponto de associar o mesmo a uma coisa. Na atualidade, a violência apresenta-se como um desafio para a sociedade, e não apenas um mal, podendo ser também um veículo transformador da realidade, o qual afeta as mais diversas áreas. Como o observado por Minayo (1994):

(...) trata-se de um complexo e dinâmico fenômeno biopsicossocial, mas seu espaço de criação e desenvolvimento é a vida em sociedade. (...). Daí se conclui, também que na configuração da violência se cruzam problemas da política, da economia, da moral, do direito, da Psicologia, das relações humanas e institucionais, e do plano individual (MINAYO, 1994).

A violência é constituída de diversas formas que podem se relacionar entre si. Tem-se a violência sexual, que atinge todos os segmentos e classes sociais, desde a criança até os idosos. A violência física, que é a mais conhecida, e muitas vezes compreendida como a única forma de violência, esta existe desde os primórdios da civilização. A violência psicológica que é, talvez, a mais subjetiva, pois rebate diretamente na relação do sujeito consigo mesmo e com as demais pessoas. Existe também a violência patrimonial, que é altamente excludente, pois elimina o direito igualitário de propriedade, dentre outras formas e expressões de violência que surgem e se complexificam todos os dias.

Nessa perspectiva, a representação midiática que se faz da violência é fator contribuinte para esse processo de complexificação, seja pelo conteúdo apelativo, ou sensacionalista, pelas imagens de horrores e caracterizações banalizadas de conteúdos que exemplifiquem os atos de violência. Assim, os meios de comunicação

atuam no cenário da violência, não apenas como veículos, mas como interventores. É o que propõe Michauld (1996):

“A violência, na mídia, seja ela estilizada ou não, seja ficção ou parte dos telejornais da atualidade serve, de uma certa maneira, a um descarregar-se, distender-se, dar livre curso aos sentimentos através do espetáculo. As cenas de violência são um sintoma da “nervosidade” da sociedade” (MICHAULD, 1996).

É recorrente ver que a mídia oferece contornos a essa problemática social, ainda atualmente, muito vinculada à conveniência discursiva do interesse interno do jornal. As representações da violência nos jornais, nesse sentido, podem estar comprometidas e é necessário uma observação e chamada mais cuidadosas para o papel ainda social que os jornais desempenham na construção da realidade dos indivíduos. A outra temática de análise neste estudo trata-se da educação para a paz, surgida em contextos que o mundo via a violência como arrasadora de nações. Surgida de uma proposta mundial de paz em meio aos resultados das grandes guerras, a educação para a paz é o próximo tópico de abordagem, em suas dimensões teóricas.

2.3 Educação para a Paz

Kant foi um pensador que deu atenção, em seus escritos, à questão da paz. Embora não sendo educador e, sim, filósofo, o referido autor realizou uma reflexão importante intitulada “A Paz Perpétua” que pode, neste estudo, lançar bases teóricas para uma educação para a paz. Em Kant a proposta ensejava instaurar o chamado estado de paz, em que sua ação mudasse da omissão da violência para a realização efetiva de uma ordem jurídica que permita a paz entre as nações. Para ele “a nação condena a guerra como um procedimento de direito e torna, ao contrário, o estado de paz um dever imediato” (KANT, 1989). Nesse sentido, a paz ganha contornos não apenas como sendo a ausência de guerra e violência, mas como a construção de uma cultura de paz.

Essa perspectiva de “construção” também é adotada pela UNESCO quando conceitua o termo cultura de paz:

“A cultura de paz se constitui de valores, atitudes e comportamentos que refletem o respeito à vida, à pessoa humana e à sua dignidade, aos direitos humanos, entendidos em seu conjunto, interdependentes e indissociáveis. Viver em uma Cultura de Paz significa repudiar todas as formas de violência, especialmente cotidiana, e promover os princípios de liberdade, justiça, solidariedade e tolerância, bem como estimular a compreensão entre os povos e as pessoas” (UNESCO *apud* SELAU; HAMMES, 2009).

Nesse sentido, a educação para a paz apresenta-se como alternativas pedagógicas, verdadeiros programas e iniciativas no âmbito da educação, visando uma construção da paz; já a cultura de paz seria mais voltada ao resultado dessas ações, de maneira arraigada na vivência, valores e dignidade dos indivíduos. A cultura de paz é regida por princípios que negam a violência e promovem a vida de maneira íntegra em sociedade, regada de valores que visam o bem comum e a harmonia social. Até o momento, pode-se observar que o tema macro “paz” trata-se de uma construção cultural. Posicioná-lo dessa maneira permite observá-lo pela ótica do cabível, do exequível, fugindo das noções utópicas e idealistas para as quais comumente esse termo é associado.

A educação para a paz surge, em nossa realidade atual, como uma alternativa, uma contribuição ao deslocamento dessa cultura vigente que prega a violência nas suas mais variadas formas para uma cultura de paz, que prospecta a solidariedade e os valores humanos harmônicos. A “produção cultural” da violência precisa ser sanada por uma produção que contribua para o retorno a esses valores, para o diálogo e inclusão. A educação para a paz figura um espaço privilegiado, que ainda é pouco explorado por educadores, pedagogos e demais profissionais da área das sociais. Dentro da abrangente temática educação para a paz, existem diversas tradições e conceitos, com princípios e objetivos. Como define Guimarães, “recorrendo ao conceito hermenêutico de tradição, entendida como um conjunto relacionado de vivências, de horizontes de compreensão e de jogos de linguagem, detectam-se cerca de nove tradições de educação para a paz [...]” (2011).

Através da educação para uma cultura de paz é possível se obter um olhar mais crítico sobre esses aspectos, e perceber de maneira clara onde estão as reproduções da cultura da violência e se tornar consciente.

A realidade, tanto brasileira quanto a mundial, abre espaço para a elaboração de estudos, programas e iniciativas que perspectivem uma paz duradoura. Principalmente, que prospectam a não-violência através de uma cultura de paz. Como mencionado anteriormente, a cultura de paz é uma construção individual e coletiva, que está ao alcance da sociedade. Nesse sentido, busca-se compreender como são representadas as temáticas violência e educação para a paz pela mídia. O capítulo seguinte versa sobre essas análises nos jornais “A Plateia” e “Jornal Cidade”, ambos recortes de uma pesquisa maior que envolve outros dez veículos jornalísticos de comunicação.

2.4 Violência e Educação para a Paz: A análise nos jornais “A Plateia” e “Jornal Cidade”

O estado do Rio Grande do Sul possui papel marcante na história do Brasil, tendo sido palco da Guerra dos Farrapos, a mais longa guerra civil do país. Outros históricos de ocupações e revoluções foram importantes para a constituição desse estado, e a violência, em suas diversas formas, é presente no Estado desde o seu surgimento.

A “metade Sul” do Rio Grande do Sul, ou popularmente conhecida como Região do Pampa, é uma região que abriga cidades interioranas regadas de problemas sociais, econômicos, políticos e educacionais. As mesmas localizam-se na região fronteira, na qual suas cidades fazem fronteira com estados da Argentina e do Uruguai, e são dotadas de dificuldades que vão da esfera econômica à localização geográfica. Portanto, uma pesquisa acerca das representações da violência nessas cidades se faz amplamente necessária, pois desde as suas características histórico-culturais o fenômeno da violência é presente. Além disso, a presença da fronteira torna ainda mais recorrentes formas de violências criminais como tráfico, contrabando, porte ilegal de armas, entre outros.

A pesquisa aborda dois jornais de cidades que contém um Campus da Universidade Federal do Pampa. Os jornais pesquisados nessas cidades são: “A

Plateia” (Santana do Livramento) e “Jornal Cidade” (Uruguaiana), traz-se as discussões dos meses de agosto e novembro de 2013 e 2016.

O jornal “A Plateia” é um periódico de circulação diária da cidade de Santana do Livramento, que contém mais de 78 anos de história. É um dos jornais mais antigos e conceituados da imprensa gaúcha, que traz notícias especificamente da sua cidade de origem e da cidade a qual Santana do Livramento faz fronteira, Rivera – Uruguai. Há cerca de um ano, “A Plateia” possui edição em espanhol, cobrindo os acontecimentos ocorridos na chamada *fronteira da paz*, denominação comumente dada à fronteira na cidade. Caracteriza-se, então, como o único diário bilíngue do país.

Durante o mês de agosto de 2013 foi analisado um total de quatorze notícias. Por meio da metodologia de análise de conteúdo, tais notícias estavam sendo pesquisadas a partir do objetivo geral de pesquisa: identificar as formas de violência, bem como a educação para uma cultura de paz que são apresentadas nos jornais impressos da região da Campanha e Fronteira Oeste.

Foram nove notícias encontradas abordando a temática violência, e cinco abordando a temática educação para a paz. Infere-se que foi aí que a categoria violência recebeu maior número de abordagens em relação à categoria educação para a paz. Sobre a temática violência: das quatorze notícias contendo a temática violência, as formas de violência pautadas no texto e títulos foram estupro, furto, roubo, vandalismo, porte ilegal de armas, contrabando e violência no trânsito (acidentes e embriaguez no volante). A categoria mais frequente observada foi a de roubo, seguido por violência no trânsito, com duas notícias sobre as categorias, cada.

Já no mês de novembro de 2016, foram oito notícias encontradas que continham a temática violência nesse jornal, e as principais categorias de violência que ocorreram foram: homicídio, violência no trânsito, insulto e roubo. Quanto a categoria educação para a paz, foram encontradas quatro notícias com a temática, porém, estas apenas noticiando eventos culturais e de solidariedade.

O jornal “A plateia” apresenta, em média, a cada edição, cerca de duas a três notícias com teor de violência. Sua abordagem é reta, simplista e não tendenciosa.

Não se utiliza de recursos imagéticos marcantes, sendo fiel ao fato. Os títulos coincidem com o conteúdo do texto, e as principais categorias de violência observadas nesse jornal que representam a questão da violência em Santana do Livramento durante o mês de agosto foram: roubo e violência no trânsito.

Já sobre a questão da educação para a paz, é interessante salientar que esta não aparece especificamente enquanto conceito nas notícias e, sim, como ações que envolvem os aspectos principais do que é educação para a paz. Ou seja, as notícias que envolvem essa temática são relatos de ações, principalmente voltadas ao âmbito de comunidade, como campanhas, engajamento comunitário sobre uma causa, mobilizações solidárias, etc.

Observa-se que as notícias que se referem à alguma expressão de paz, são na perspectiva da paz negativa, que é a ausência de guerra ou de violência, e não considera a violação dos direitos humanos, a pobreza, a miséria e tantas outras expressões desigualdades sociais. No entanto, os estudos de Galtung (1985) apresentam a guerra e a violência como algumas das expressões de ausência de paz, porque existem muitas outras não tanto perceptíveis como a guerra e a violência física. O conceito mais comum que se tem de paz, a associa com ideias com não agressão bélica e com a ausência de todo e qualquer tipo de conflito que possa tirar o sujeito de seu estado sereno de espírito. Mais educação para uma cultura de paz se amplia na perspectiva da paz positiva que requer o entendimento de que a análise da paz deve estar vinculada à análise da violência estrutural, direta e/ou indireta, envolvendo necessariamente cooperação planejada e esforço coletivo para resolver os conflitos. E falar de paz positiva é falar de igualdade e reciprocidade nas relações pacíficas na busca por desenvolvimento, direitos humanos, democracia e principalmente de justiça social, considerando que o conceito de paz deveria estar indissociado do conceito de justiça social (JARES, 2007). Galtung (1985) afirma que “a paz deve construir-se na cultura e na estrutura, não apenas na mente humana, pois o triângulo da violência tem círculos viciosos integrados”.

Ao todo foram cinco notícias encontradas com essas temáticas. Destas, as principais que se manifestaram foram: campanha contra a violência contra a mulher,

campanha de amamentação, mobilização para arrecadação de brinquedos para crianças carentes e mutirão comunitário para limpeza urbana em vilas.

O jornal “A Plateia” habitualmente dá um enfoque a essas notícias como próprias do cidadão santanaense. Nos editoriais do jornal também há recorrência deste enfoque, tomado por uma escrita harmonizadora e sensibilizadora, com vistas ao fomento de que a cidade retratada no jornal é cordial e harmoniosa.

Isto possibilita inferir que, embora a retratação da violência seja mais abordada quantitativamente no jornal analisado, as notícias de caráter de educação para a paz se salientam mais devido ao enfoque recebido. Representa-se assim, através do jornal “A Plateia” que a cidade Santana do Livramento é uma cidade harmoniosa, que possui uma comunidade engajada, e corrobora para tornar-se aquela chamada fronteira de paz, que seus editoriais pautam frequentemente.

O próximo periódico de análise é o “Jornal Cidade” do município de Uruguaiana – RS. Diferentemente de “A Plateia”, o Jornal Cidade possui periodicidade trissemanal e 26 anos de história no município. É um dos quatro principais veículos de jornalismo impresso da cidade. Possui uma linguagem própria de abordagem nas notícias, muitas vezes tendendo a espetacularização dos fatos.

Da análise realizada, durante o mês de agosto de 2013, foram onze notícias encontradas discutindo o tema violência contra nenhuma sobre a temática educação para a paz. As principais formas de violência encontradas foram: furto, homofobia, tráfico de drogas, porte ilegal de armas, assédio sexual e violência no trânsito. Destas, as que contiveram mais aparições foram tráfico ilegal de drogas e assédio sexual. Já no mês de novembro de 2016, foram dez notícias encontradas com a temática violência, destas dez, as principais categorias encontradas foram: roubo a residência, furto, lesão corporal, estupro, afogamento e violência contra a mulher. Também neste mês não foi encontrada nenhuma notícia que tivesse conteúdo sobre educação para a paz.

Inferiu-se que o “Jornal Cidade” de Uruguaiana carece de redação jornalística aprimorada, seus títulos muitas vezes não são fiéis ao fato relatado no corpo da notícia, procurando apenas “chamar a atenção” com um notado teor sensacionalista. As fotos são recursos imagéticos para tornar atrativo e, por vezes, buscam alertar a

sociedade para tal notícia. Pelo conteúdo jornalístico, Uruguaiana representa ser uma cidade violenta, pois, em média, a cada edição, cerca de quatro a cinco notícias são apenas sobre a violência na cidade. Categorias mais peculiares observadas de violência são as de teor sexual: como homofobia e assédio sexual.

Nesse sentido, é recorrente que as representações oferecidas por cada jornal, nestes casos, são diferentemente abordadas, mesmo que seja o mesmo tema. Pode-se notar que um jornal atua para a construção de uma realidade em que a cidade é harmoniosa, que os habitantes são solidários e que a violência está estanque. Por outro lado, há o veículo que constrói a violência como parte arraigada da cidade, incitando os leitores à indignação dos acontecimentos violentos. É peculiar observar como a lógica de cada veículo atua diferentemente em cada contexto, construindo de diferentes perspectivas as noções sobre cada temática analisada.

Infere-se aí, o papel fundamental que possui o que cria a notícia, nesse caso, o jornalista:

Dentro da perspectiva da construção social da realidade, posso conceber a construção da notícia como algo especial e pertencente a realidade: é uma realidade simbólica, pública e cotidiana. Desse ponto de vista, deveríamos falar sobre a construção da realidade social. Os jornalistas são, como todo mundo, construtores da realidade ao seu redor. Mas também conferem estilo narrativo a essa realidade divulgando-a, a tornam uma realidade pública sobre o dia-a-dia (ALSINA, 2009).

A informação jornalística, além de informar, é constituinte na construção da cidadania, da educação e sensibilização da sociedade para os problemas e questões sociais. Há correntes que reforçam esse aspecto interventor dos meios de comunicação, em especial o jornal. Dado o grau de relevância dos meios jornalísticos como partícipes na construção da realidade da sociedade, é necessário salientar o papel que estes têm em dar a sua contribuição no enfrentamento das problemáticas sociais com a difusão de matérias que promovam mudanças nas representações estigmatizadas, ou até mesmo na promoção de discussões sobre temas pertinentes junto à sociedade.

Paulo Freire, em seu discurso no Prêmio UNESCO da Educação para a Paz, revela uma alternativa que pode ser aplicada à lógica dos meios de comunicação. A educação para a paz caracteriza-se pela intervenção, através de políticas

pedagógicas de inclusão, participação, igualdade, respeito aos direitos humanos, respeito à diversidade cultural, à liberdade, à tolerância, ao diálogo, entre outros. Em seu discurso, afirmava: “Por isso, não creio em nenhum esforço chamado de educação para a Paz que, em lugar de desvelar o mundo das injustiças o torna opaco e tenta miopizar as suas vítimas” (FREIRE, 1986).

3 CONCLUSÃO

Com as análises do recorte observado neste estudo foi possível perceber que a mídia possui papel expressivo na construção e delimitação da realidade social a que está inserida. Nos dois jornais analisados, há um enfoque e representações muito diferenciadas em se tratando da mesma temática. A violência para “A Plateia” não é tão reforçada quanto no “Jornal Cidade”, em que as manchetes claramente procuram reforçar a espetacularização do fato. “A Plateia” agenda questões que em seu bojo reforçam uma educação para a paz, enquanto o Jornal Cidade não apresentou nenhuma notícia com esse caráter.

De maneira geral, pode-se observar que os meios de comunicação, enquanto socializadores de sentidos e significações nas mais largas escalas por meio da notícia, do texto e de suas linguagens específicas, são objetos inclusos na construção da realidade social dos indivíduos. Ou seja: possuem valor interferente nas representações da realidade e nas suas interpretações. Dizer isto é validar que um veículo jornal pode oferecer contornos, através do mapeamento de suas notícias e seu discurso, das mais variadas formas de problemáticas sociais na atualidade.

É preciso ter em vista que, enquanto partícipe na construção da realidade, a mídia, em particular o jornal, pode também ser considerada uma instância pedagógica que forma conhecimento sobre os mais variados assuntos. As análises levam à seguinte reflexão: será que a mídia, ao invés de contribuir na luta da educação para a paz, não está apenas superficializando as injustiças e as tornar “opacas” e “miopes”? É de uma alerta geral que se atente para esse fato, pois as consequências de uma mídia “miope” pode contribuir para um descompromisso geral e a sua banalização. As abordagens jornalísticas, muitas vezes de forte

conteúdo denunciativo, acabam por se tornarem simplificadoras, o que tende por prolongar práticas de incentivo à violência e autenticar processos de opressão que deveriam, no seu objetivo original, combater. Faz-se necessário que o próprio discurso dos meios de comunicação não seja de violência e que, à longo prazo, as representações desse tema nos jornais promovam sentidos e interpretações que influam para uma cultura de paz.

A pesquisa demonstrou a necessidade de um envolvimento maior dos jornais para uma mídia que se preocupe com uma educação voltada para uma cultura de paz, o que necessariamente envolve valores como respeito aos direitos individuais e coletivos. Da mesma forma, a necessidade do reconhecimento das particularidades de todos os sujeitos envolvidos no processo, o que exige da sociedade como um todo, a superação de preconceitos e discriminações sociais, raciais, familiares, econômicas entre outras, desenvolvendo potencialidades numa relação de reciprocidade, que leve ao encontro de respostas para uma vida mais digna.

REFERÊNCIAS

ALSINA, Miguel R. **A construção da notícia**. Tradução de Jacob A. Pierce. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009.

BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. Lisboa, Edições 70, s. D. 2009.

CHAUÍ, Marilena. **Ética e violência**. Revista Teoria e Debate. nº 39, 1998.

EYNG, Ana Maria. GISI, Maria Lourdes. Ens, Romilda Teodora. Violência nas escolas e representações sociais: um diálogo necessário no cotidiano escolar. In: **Revista Diálogo Educacional**. Porto Alegre, nº 28, setembro/dezembro, 2009.

GALTUNG, J. **Sobre la paz**. Barcelona: Fontamara, 1985.

GUIMARÃES, Marcelo. **Um novo mundo é possível: Dez boas razões para educar para a paz, praticar a tolerância, promover o diálogo inter-religioso, ser solidário, promover os direitos humanos**. São Leopoldo: Sidonal, 2004.

GUIMARÃES, Marcelo R. **Educação para a paz: sentidos e dilemas**. Caxias do Sul/RS: Educus, 2011.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia: Saberes necessários à prática educativa.** Rio de Janeiro: Paz e terra, 1986.

JARES, Xesús R. **Educar para a paz em tempos difíceis.** São Paulo: Palas Athena, 2007.

KANT, Immanuel. **À paz perpétua.** Porto Alegre: L&PM, 1989.

MARTINO, Luis C. **Diálogos Série Intercom Sudeste.** São Paulo, 2013. Disponível em: http://www.youtube.com/watch?v=0enj87_h3tA

MICHAUD, Yves. **A Violência.** São Paulo, Ática, 1989.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. A Violência Social sob a Perspectiva da Saúde Pública. **Cadernos de Saúde Pública.** Rio de Janeiro, 1994.

SELAU, Bento; HAMES, Lúcio J. **Educação Inclusiva e Educação para a Paz: relações possíveis.** São Luis/Ma: EDFMA, 2009.

SOARES, Rodrigo da Silva. **A construção social da realidade.** Revista do Direito Público, Londrina, v. 12, n. 2, p. 316-319, ago. 2017. DOI: 10.5433/1980-511X.2017v12n2p316